

JORNAL: O Jornal LOCAL: Quomakara

DATA: 29/03/1964 AUTOR: Belisla

TÍTULO: Como eles moram - Heitor Alimonda

ASSUNTO: Ivan na coleção de Heitor Alimonda.

## Como eles moram

O Jornal 29-3-64



## Heitor Alimonda

Em cada casa, ao ultrapassar-mos a porta, há uma atmosfera que nos envolve independente da acolhida dos moradores, embora seja esta como o perfume que nem sempre revela a beleza da flor. Pode ser forte para a simplicidade ou suave para o exótico e rebuscado.

A seriedade com que Alimonda encara sua profissão de grande intérprete das obras imortais da música, professor e orientador de jovens musicistas, reflete-se em seu ambiente caseiro: organizado sem rigidez, demonstrando segurança e serenidade.

### A música por princípio, meio e fim

Há quase 18 anos nos Estados Unidos, onde ambos estudavam, o moço Heitor, de poucas palavras e muito talento reencontrou no Carnegie Hall a pianista Jeannette Herzog, exuberante de afetividade. Regressaram e casaram-se no Rio. A vida continuou de concerto em concerto. Depois veio Paulinho, agora com 11 anos, no 1º ginásio, decidido a tornar-se médico pediatra. E, não podendo deixar de ser peixinho, já tocou piano, flauta, presentemente abandonados para tocar apenas clarinete na Banda do Colégio Brasileiro Almeida.

Apesar do gosto requintado que orientou a arrumação, o apartamento só existe em função da música, sempre aberto aos amigos e aos músicos de qualquer corrente. Ali "a religião é música, a política música" e música seu comércio, indústria, oficina. Na qualidade de professor da Escola Nacional de Música e Diretor do Seminário de Música da Pró Arte, atende, orienta, uma infinidade de moças e rapazes de todas as partes, bolsistas, estudiosos, futuros talentos musicais.

Partidário da mentalidade escolar e não escolástica, Alimonda participa emocionalmente de todos os problemas, exasperando-se às vezes com a falta de verba e recursos, as dificuldades e superar. Foi na sua casa que Jacques Klein praticamente começou a to-

car, numa época em que brincavam a dois pianos, e também a freqüentava Claudio Santoro, o pintor Bandeira, regentes, músicos, compositores, artistas, todos unidos pela música, alegres com o sucesso individual. As reuniões eram diárias. A rua e vizinhança adormeciam e eles continuavam discutindo entusiasmados, fazendo música.

Como indagássemos se não havia reclamações, contou-nos Jeannette que quando Alimonda permaneceu em Viena 6 meses, encontrou um vizinho, brigadeiro, morador no andar de cima que ao saber da ausência, disse: "Que pena! Eu já estava acostumado a adormecer com música..."

Mas não só os ouvidos desfrutam do prazer da música, também há beleza e muita para os olhos. Logo ao entrarmos se nos depara uma série de imagens antigas de madeira, dando a impressão de estarem simplesmente suspensas, encostadas na parede branca que separa sem esconder a sala de entrada da sala de jantar. Sobre um sofá moderno, ladeado por duas mesas e abajures no mesmo estilo, um quadro abstracionista de Ivan Serpa. Em frente uma comprida e baixinha mesa com tampo de mármore verde escuro, condizente com o estôfo do sofá e suavemente contrastando com as poltronas. Tapete de cor neutra. Há ainda a poesia ingênua e garbada de um quadro de Heitor dos Prazeres, dois pratos franceses do século passado, plantas... E entramos na sala de música.

Um belo piano inglês, 3/4 de cauda, acostumado à música erudita e aos dedos de Tom Jobim, que Alimonda ouve em silêncio. Quadros de Malagoli, Renina Katz Mario Silésio e uma pequenina paisagem de Jan Zach ligada a uma grande recordação afetiva. A estante moderna ocupando toda a parede de alto a baixo, tem uma parte fechada, aproximadamente uns oitenta centímetros de largura, onde estão catalogadas as obras completas dos Mestres da música. Na parte aberta, mais livros encadernados de música, muitos outros sobre arte em ge-

ral, assuntos musicais e uma coleção de dicionários de diversas línguas e feitos. Jeannette é "maníaca" por esse tipo de livro e o marido grande apreciador de relógios antigos, dos quais existem três belos exemplares no apartamento.

Na extremidade da estante uma cabeça de bronze, auto-retrato do pai de Alimonda, que apesar de auto-didata fôr as estátuas da igreja de Araraquara, onde o pianista nasceu. Encalhados diplomas da Real Academia de Música de Londres e de cidadão honorário de Texas, Dallas, que só não foi devolvido por ocasião do assassinato de Kennedy pelo receio de parecer exibicionismo. Levantamos os olhos e não conseguimos despregá-los durante alguns segundos, detidos pelo magnetismo de um retrato de Beethoven.

Antes de entrarmos na sala de jantar, num vão da parede, vemos autêntico e antigo armário de jacarandá, encerrando um pequeno bar. A sala sóbria, elegante contém: uma arca, velha mesa, cadeiras com assento de palhinha, uma das esculturas com que Bruno Giorgi concorreu à Bienal quando foi premiado, uma bela mulata de Di Cavalcanti, tapeçaria de Lurçat, quadros de Olimpio Araujo, Malagoli e dois de Darel, da fase Dostolewskiana.

No quarto existe outro piano em que Jeannette, a pedido do marido, procura desenvolver ao máximo a técnica digital, a memorização física. Perguntamos se pretendia voltar a exhibir-se em recitais "Talvez... quando a música não fôr condicionada a um vestido para cada noite e ao penteado embora às vezes também tenha acessos de vaidade e faça uma passagem pelo cabeleireiro".

De naturalidade e simplicidade fora do comum, ela gosta de estar rodeada de amigos e ouvi-los conversar. Ele, temperamento mais introvertido, de sentir-lhes a presença. A música, porém, continua mantendo-os unidos no mesmo ideal, na mesma compreensão.

belisla